

Grafias de vida e morte, e Ishi como um *meshwork*

Graphy of Life and Death, and Ishi as a Meshwork

Suely Kofes (DA, IFCH, Unicamp)*

Resumo: A intenção deste artigo é colocar sob suspeita as oposições entre narrativa e conceito, escrita literária e experimento científico, moderno e não moderno, entre a vida e a morte. Com este propósito, em primeiro lugar, eu apresento algumas discussões, principalmente, mas não apenas, antropológicas, sobre narrativas biográficas e, em seguida, apropriando-me do desenho descritivo de Ingold, o *meshwork* (linhas de vida entrelaçadas. Linhas que são movimentos e não conexão entre pontos como sugere a network) como um conceito eu desenho e analiso o que é contado sobre Ishi. Ishi apareceu faminto e maltrapilho em frente a um matadouro em Oroville. Ele foi levado por Alfred Kroeber para a Universidade da Califórnia e tornou-se personagem de uma biografia sucessivamente reeditada, escrita por Theodora Kroeber. Ele é também um personagem emblemático de disputas artísticas e políticas anticoloniais. Lévi-Strauss, em *Tristes Tropiques* (1955) conta sobre Ishi sem citar o nome que fora atribuído ao indígena e foi onde o “encontrei”. Ao contar as histórias contadas sobre Ishi pretendo aqui sugerir que biografia é também uma designação inapropriada porque obscurece a morte no conceito englobante de vida – *bio-* e assim não elucida a sua relação tensa. Com o conceito-desenho do *meshwork*, estou sugerindo uma grafia que não reitere a redutibilidade do biográfico ao indivíduo como oposto ao coletivo (seja este designado como sociedade ou considerado como um comum) nem opere com as oposições acima mencionadas. Finalmente, eu sugiro, que *dobra* é um necessário parceiro conceitual do *meshwork*.

Palavras chave: grafia, narrativa, biografia, morte, *meshwork*

Abstract: The intention of this article is to put under suspicion the binary oppositions between narrative and concept, literary writing, and scientific experiment, modern and non-modern, between life and death. For this purpose, firstly, I present some discussions, mainly, but not only, anthropological, about biographical narratives. Later, in appropriating of Ingold's descriptive drawing, the *meshwork* (intertwined lifelines. Lines that are movements and not connection between points as suggested by the network.) as a concept I analyze the stories about Ishi. Ishi appeared hungry and all ragged in front of a slaughterhouse in Oroville, California. He was taken by Alfred Kroeber to the University of California and became the character of a successively reprinted biography written by Theodora Kroeber. He is also an emblematic figure in the anthropological, artistic, and anti-colonial political controversies. Lévi-Strauss, in his book *Tristes Tropiques* (1955), talks about Ishi without mentioning the name that was attributed to the native. That's where I "found" Ishi. In telling the stories told about Ishi, I intend here to suggest that biography is also an inappropriate designation, because that word by its prefix – bio - encompasses

* Professora titular colaboradora do Departamento de Antropologia, PPGAS e Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Coordenadora do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem (LA'grima), IFCH, Unicamp. E.mail: kofes@unicamp.br

death and does not elucidate their tense relationship. With the design-concept of meshwork, drawing and analyzing what is told about Ishi, I am suggesting a graphie that does not reiterate the reducibility of the biographical to the individual as opposed to the collective (whether it is designated as a society or considered as a common) nor does it operate with the afore mentioned oppositions. Finally, I am suggesting that *fold* is a necessary conceptual partner to meshwork

Keywords: *graphy narrative biography death meshwork*

Descobrimos novas maneiras de dobrar, assim como novos envoltórios, mas permanecemos leibnizianos, porque se trata sempre de dobrar, desdobrar, redobrar (DELEUZE 1991, 208)

Ce n'est pas tout, comme si se délecter de soi-même ne suffisait pas à Bourdieu, il se rend compte tout d'un coup que son « écriture », sa manière de faire n'est pas sans rapport avec celle pratiquée, dans le champ romanesque, par Virginia Woolf... si l'on accepte, précise-t-il, les analyses que Auerbach a proposées de la romancière anglaise. Que Bourdieu se délecte de Bourdieu, soit ! mais qu'il trouve Virginia Woolf comme seule analogie pour nous faire saisir son génie est un phénomène qui dépasse évidemment l'analyse sociologique. Notons au passage que Auerbach, qui sert, à son corps défendant, de témoin pour l'attester est l'un de ces tenants de la « littérature » et de la « poéticité » que, par ailleurs Bourdieu déclare illégitimes devant le « tout est social ».
(MARTY 1994, 166-170)

Les oeuvres des philosophes sont pleines des récits et celles des romanciers d'analyse conceptuelle (SERRES 2016).

(Com a primeira epígrafe, uma pergunta: e se não falássemos de fronteira, mas de dobra: a curvatura variável, a operação da inflexão, pertença, não ação, para repetir Deleuze (*supra*) citando Leibniz?)

(Com a terceira epígrafe, afirmamos que a antropologia é plena de narrativas e de conceitos)

A flecha inspira tropos, é uma metáfora recorrente. Que eu bem poderia usar para falar do meu encontro com Ishi, enquanto, no que concerne ao Ishi, a flecha seja metonímica, porque estende seu corpo e porque é um artefato feito por ele. Ambos, Ishi e a sua flecha, se expuseram (ou foram expostos) em um museu, fotografados. As flechas de Ishi transformaram-se em outras ao inspirarem artistas.

Já contei em outros lugares o meu encontro com Ishi. Sem que o seu nome tenha sido mencionado, foi enquanto eu lia o *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss (1996 [1955])¹. Então chegou-me como uma flecha, para usar a metáfora costumeira.

Lévi-Strauss nos conta sobre um *indígena* que escapara sozinho, milagrosamente, ao extermínio das tribos californianas. Ainda *selvagem*, que vivera durante anos ignorado nas vizinhanças das grandes cidades talhando as pontas de pedra das flechas que lhe permitiam caçar. Pouco a pouco, entretanto, a caça desaparecia. Um dia descobriram este indígena nu e quase morrendo de fome em uma periferia. Conclui, então, Lévi-Strauss: “ele terminou placidamente a sua existência como zelador da Universidade da Califórnia”. Uma variação narrativa, melhor diríamos, uma fabulação, da história de Ishi. Que guardei por anos.

Diferentemente de Ashton Doyme, o personagem de Henry James no conto “A coisa realmente certa”², que é um espírito, um espectro, que recusa a escrita de sua biografia afastando com a sua presença a do biógrafo e da viúva que queriam facilitar o seu trabalho, o destino de Ishi foi o inverso. A sua biografia foi inventada, contada, reinventada, contestada, estendida.

Entre 2011 e 2016 tratei das narrativas sobre Ishi e escrevi sobre ele para diferentes

¹ Trata-se de um parágrafo no final do capítulo intitulado “Comment on devient ethnographe”

² Tradução de “The real right thing”, conto de Henry James (1893) publicado no Brasil em 2020, no livro *Até o último fantasma*. Sobre este conto há uma análise instigante de Henry James como biógrafo. Trata-se do artigo de André Cechinel “A acidentalidade do ser: alguns fantasmas de Henry James”, do qual cito um trecho: “O primeiro dos textos em pauta, ‘The real right thing’, narra a resistência de um fantasma à escrita de sua biografia. A rigor, o conto é apenas um exemplo dentre os inúmeros momentos em que James volta o seu olhar para a escrita biográfica, via de regra insinuando que a grafia de si constitui um gesto invasivo e arbitrário. Para Willie Tolliver, autor do livro *A self among others: Henry James as a biographer* (Um eu entre outros: Henry James como um biógrafo), ‘na teoria biográfica de James, a proteção da privacidade do sujeito é um princípio central. É responsabilidade do biógrafo manter o silêncio em certas situações e não ir muito longe em suas revelações, caso estas devam ser feitas’ (TOLLIVER 2000, 8). Tendo em vista a constante fragmentação do autor em James, ou seja, escritores que revelam um ‘eu’ dividido entre sujeito público e privado, cabe ressaltar que, muito embora a questão da privacidade seja aqui fundamental, não menos importante é o fato de que a biografia reduz a complexidade autoral a uma imagem unificada. Nesse sentido, o fantasma em ‘The real right thing’, além de remeter à preservação do privado, ilustra também a crítica à fabricação do sujeito que ocorre na escrita biográfica” (CECHINEL 2012, 755).

situações³. Depois, retomei o tema outras tantas vezes para explorar a importância de um personagem conceitual, o *meshwork* (INGOLD, 2011, 63-94; 2013, 132-133), como uma resolução que me parece profícua para não repetir as infindáveis discussões sobre indivíduo (“biografia”) e sociedade (etnografia, campo, social *network*, etc.), experimento ao qual ainda me dedico. Foi em 2018 que ouvi uma referência ao texto do Clifford sobre Ishi (“Ishi’s Story”), publicado no seu livro *Returns* (2013, 91-191). Só leria o texto de Clifford um ano depois, há dois meses precisamente (sim, uma demora imperdoável), reconhecendo nele muitas, não todas, das informações e imagens que eu também lera e vira, contara e mostrara. Lemos, talvez, os mesmos livros sobre Ishi, assistimos os mesmos filmes, reunimos, talvez, as mesmas e disponíveis imagens. Mas, Clifford e Ishi estão em um campo comum, a Universidade da Califórnia, a Califórnia Ishi apareceu-me sem o seu nome, como mistério no qual me fixei, na leitura do *Tristes Trópicos* (Lévi-Strauss) e foi se insinuando na minha pesquisa sobre narrativas biográficas na antropologia. Uma história perturbadora que fala da violência de muitos dos eufemisticamente chamados encontros culturais.

Uma história muito conhecida

A consagrada biografia de Ishi, escrita por Theodora Kroeber (1961)⁴, *relata* a vida de Ishi como um fragmento da vida de seu povo considerado extinto pelas guerras de conquista das terras da Califórnia. A narrativa de Theodora é uma história abreviada do massacre das populações indígenas da Califórnia e nela a biografia de Ishi, que não começa com o seu nascimento, mas como extermínio de seu povo e o seu “aparecimento” em frente a um matadouro em Oroville de onde foi levado pelo xerife para a cadeia local. O *selvagem*, a sua primeira designação, despertou intensa curiosidade. A notícia, e sua foto, chegaram ao jornal local (*Oroville Dayle Register*), e, em jornais de São Francisco (*San Francisco Chronicles*) o que provocou uma movimentação no meio acadêmico da Universidade da Califórnia, entre linguistas e antropólogos.

³ Em um GT da ABA (2011), uma mesa na React (2013), a publicação das apresentações.

⁴ *Ishi in Two Worlds: A Biography of the Last Wild Indian in North America* foi traduzido em mais de nove línguas e em 2001 já tinha vendido mais de um milhão de cópias.

As conversações entre o xerife, Kroeber e Waterman⁵, o Museu de Antropologia da Universidade da Califórnia, e o governo, contatado em Washington, conseguiram levá-lo para São Francisco, onde ele viveria quatro anos e sete meses. O nome *Ishi*, ‘homem’ (Man) em Yahi, lhe foi atribuído por Kroeber. Seu nome indígena ele nunca revelou.

Desde então, até a sua morte, morou no Museu, na Universidade da Califórnia. Sua vida seria prolongada pela conservação e busca de seu crânio, disputado pela ciência e pela política universitária, museológica e pelos nativos americanos. Nas suas cinzas disputadas pelo seu povo e nas escrituras sobre ele, em imagens, artefatos, enfim, em grafias. Em meio a conflitos, controvérsias e homenagens.

Durante os seis primeiros meses desde a chegada de Ishi à Universidade, o Museu de Antropologia recebeu 24.000 pessoas que o visitavam a cada final de semana e ali assistiam Ishi demonstrar, entre outras habilidades manuais, como fazer arcos, flechas e fogo por atrito.

Em 25 de março de 1916, Ishi morreu no hospital da Universidade da Califórnia, com o diagnóstico de tuberculose, e a autópsia foi realizada na escola de medicina da mesma universidade. Seu corpo foi cremado, o seu cérebro foi removido, pesado, examinado e preservado para futuros estudos. Procedimentos não autorizados por Ishi e nem informados a Kroeber, aliás a autópsia foi feita contra a vontade do último.

Um antropólogo, o médico de Ishi, o diretor do Museu de Antropologia⁶, acompanharam os restos de Ishi ao cemitério onde ocorreu a cremação⁷⁷. As cinzas de Ishi foram colocadas em um jarro Pueblo e guardadas no cemitério Olivier Memorial Park, em Colma, na Califórnia. Quando Kroeber chegou depois de seu período sabático encontrou em sua correspondência uma caixa endereçada a ele e que continha o crânio de Ishi conservado em clorofórmio. O cérebro de Ishi foi transferido para o United States National Museum, o crânio catalogado permaneceu no museu desde 1916.

Uma série de acontecimentos dramatizados em distintas narrativas reinventaram e estenderam a vida de Ishi, prolongando o tempo biográfico e interligando nativos americanos,

⁵ Alfred Kroeber fundou o Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, ao qual esteve vinculado até aposentar-se, em 1946. Thomas Talbot Waterman (1885-1936), antropólogo interessado em linguagem, trabalhou com Kroeber nessa universidade a partir de 1910.

⁶ Waterman, o antropólogo, Saxton Pope (o médico de Ishi), Edward W. Gifford, do Museu de Antropologia.

⁷ Kroeber estava ausente devido à sua licença sabática.

antropólogos, museus, médicos, advogados, jornais, universidades, arte, e publicações acadêmicas.

Uma aliança de vários grupos tribais nos arredores de Oroville, o Comitê Cultural do Butte County Native American, em 1997 iniciou uma campanha pelo retorno dos restos de Ishi à sua terra natal, no sopé do Monte Lassen, em terras indígenas no norte da Califórnia. Embora fosse conhecido que as suas cinzas estavam em um nicho no Olivet Memorial Park, ao sul de San Francisco, os nativos americanos se inteiraram de que o seu cérebro tinha sido extraído na autópsia e que fora guardado em outro lugar. O que foi noticiado pelo *Los Angeles Times* e provocou frisson em Berkeley e na Universidade da Califórnia em São Francisco, onde a questão dos *restos tribais* tornara-se uma questão sensível tendo em vista a já existente pressão de líderes indígenas ao Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology, que tem coleções consideráveis de restos mortais e objetos funerários.

Em meio às críticas, a universidade procurou resolver o caso Ishi, mas não encontraram o crânio em seu acervo. Foi emitido um comunicado sobre a ausência do “item”. O campus de São Francisco criou uma equipe de pesquisa, liderada por Nancy Rockafellar, que recebeu uma dica de um curador aposentado do Museu de que teria ouvido de um funcionário do Smithsonian que o cérebro estava no Museu de História Natural. Mas, Rockafellar não conseguiu a confirmação com o funcionário consultado. Isto é uma lenda urbana, ele teria lhe dito. Juntou-se então com Orin Starn, um antropólogo da Universidade de Duke, que estava trabalhando em mais um livro sobre Ishi e ele revisitou os papéis de Kroeber entre os quais encontrou uma série de cartas referentes ao crânio.

Bom, tudo indicava que o caso estava resolvido. O Smithsonian enviou o cérebro para o grupo nativo que o reivindicava e em agosto de 2000 as cinzas de Ishi e o seu cérebro (cremado) foram reunidos privadamente (para evitar invasão de curiosos e turistas) em um local desconhecido do Mt. Lassens⁸. Em uma página do UOL, no mesmo mês e ano lia-se uma notícia sob o título "O sepultamento de um cérebro".

Dois acontecimentos envolvendo alunos e professores da Universidade são significativos. O primeiro, uma divisão entre os professores do Departamento de Antropologia da Universidade de

⁸ Conforme afirmaram Karl Kroeber e Clinton Kroeber, na introdução a *Ishi in three centuries* (KROEBER & KROEBER 2003).

Califórnia, em Berkeley, ao qual Alfred Kroeber estivera ligado desde 1901 (quando, aliás, participara de sua criação) até 1947 (quando se aposentou). Um movimento defendeu que o Departamento se desculpassem publicamente em relação à Ishi. Embora lamentando a transferência do cérebro de Ishi e defendendo a sua entrega junto com as cinzas de Ishi para os nativos que os reivindicavam, outros consideravam injustificável a condenação de Kroeber. Foi formado um comitê presidido por Nancy Scheper-Hughes que produziu um longo, descritivo e reflexivo relatório crítico a Kroeber. Este relatório foi publicado pelos filhos de Kroeber no livro editado em 2008 com o título *Ishi in Three Centuries*.

Nem todos os colegas de Scheper-Hughes concordavam com suas afirmações. Alguns, como George Foster, defendiam que o melhor que poderia ter acontecido a Ishi fora ter caído nas mãos de antropólogos. Fora recebido no Museu, ouvido e compreendido por pessoas que se interessavam pela sua língua, obras e narrativas não consensualmente valorizadas. Referia-se ao acervo considerável de objetos fabricados por Ishi, de gravações de fala e cantos registradas por Alfred Kroeber e Edward Sapir. Este último, antropólogo e linguista trabalhou, a pedido de Kroeber, exaustivamente com Ishi, já nos seus últimos dias.

Em sua reunião em março de 1999, o Departamento de Antropologia decidiu tornar pública uma nota que, conforme algumas leituras, condena, conforme outras, absolve, Kroeber.

O vínculo entre Kroeber e Ishi, a antropologia e os povos nativos americanos, a universidade e os museus, revela relações indissociáveis na extensão narrativa da vida de Ishi. Compõem a sua vida. Há muitos outros detalhes que vou omitir para não tornar mais longa uma história que pode muito se estender, porque uma série de acontecimentos continuaram estendendo a biografia, em outros setores do campus universitário.

Logo depois do ritual indígena do enterro de Ishi, um congresso público na Universidade de Califórnia em Berkeley reuniu-se durante três dias em torno do tema “Quem possui o Corpo” (Who Owns the Body?), que problematizou intelectualmente a experiência Ishi e os direitos dos nativos americanos na recuperação dos ossos de seus ancestrais.

Um escritor Gerald Vizenor, ativista nativo americano que foi diretor do Native American Studies na University of California, Berkeley, insistiu --com um trabalho que foi designado como uma "poética ishi" expressa em ensaios, em performances, em peça teatral, em cursos, tendo Ishi como tema-- que a Universidade da Califórnia reconhecesse oficialmente um lugar institucional

em homenagem a Ishi. Terminou por conseguir que um pátio do prédio da Universidade fosse renomeado com o nome de Ishi, o "Ishi Court".

Ora, já em 2013, um escritor e diretor de teatro (John Fischer), do Departamento de Estudos de Teatro, Dança e Performance da Universidade da Califórnia, faz a montagem de uma de suas peças no campus. Nela, Ishi foi apresentado como um agressor, assassino e estuprador incestuoso. Os alunos nativo americanos revoltaram-se com a peça e uma aluna de estudos étnicos, uma de linguística, e um de antropologia, membros da associação dos estudantes nativo americanos de pós-graduação, reagiram com um op-ed (Opposite editorial) chamado "American Indian Graduate Student Association calls for art with ethics". Desencadeia-se um conflito envolvendo o chefe do Departamento, que foi a um jornal se desculpar. Um professor apoiou publicamente os alunos salientando que as terras e recursos dos nativos americanos, os seus corpos, histórias e culturas são continuamente apropriados pelos brancos em suas pesquisas.

Museus têm uma linha importante neste traçado. Em 2012, alguns alunos da Universidade Estadual de Chicago sob a direção do Dr. Stacy Schaefer organizaram uma exposição no museu da CSU (Chicago State University) sobre Ishi e um Digital Memory Project, uma web câmera digital perante a qual os visitantes eram convidados a refletirem sobre a importância e o exemplo de vida de Ishi. Tratava-se de gerar novas histórias.⁹

Em 2013, Ishi é incluído no conjunto dos homenageados para o Califórnia Hall of Fame, do The California Museum, em seu sétimo ano (instituído em 2006, com o objetivo de homenagear *pessoas lendárias que encarnariam o espírito inovador da Califórnia* e deixaram a sua marca na história. Os visitantes do Museu podem ver durante todo o ano uma exposição dos artefatos pessoais dos homenageados, programas educativos e as diversas histórias de realizações nas áreas de interesse dos selecionados premiados pelo governador da Califórnia. Entre os homenageados do 2013 estavam o ator Warren Beatty ("lenda de cinema"), Joe Montana ("lenda do esporte"), Dolores Huerta ("ativista sindical"), Warner Brothers, ("negócios e entretenimento"), Charles e

⁹ O museu está localizado no campus do complexo Biblioteca CSUC Meriam, em frente à entrada principal da biblioteca em MLIB 180.

Ray Eames (“designers”), Gregory Bateson (“cientista do sistema complexo transdisciplinar”) e Ishi, (“famoso nativo californiano”)¹⁰.

E então, onde começaria e terminaria a vida de Ishi? Nos quatro anos e sete meses desde que ele foi encontrado e viveu na Universidade da Califórnia? Em 1860, quando teria nascido até 2000 quando foi enterrado, antes de seu nascimento como imbricado na história de seu povo e se prolongando nos acontecimentos que se seguem, problematizando história, vida e biografia?

Distribuí o que eu contei em algumas fotos e em um desenho descrição, uma teia onde as linhas dobram-se e fogem abrindo outras trilhas. Ishi e Kroeber e Ishi e Bateson, nativos- americanos, mídia, museus, editoras, universidade, ciência, política; pontas das lanças fabricadas por Ishi ou por um artista que o cita anos depois fazendo pontas com pedras semipreciosas, o acervo de registros, suas cinzas, seu crânio, o duplo enterro; seu espírito nas lutas dos nativos- americanos, não seriam linhas entre pontos. Ishi, nas grafias que contam e mostram Ishi, o que encontramos são linhas entrelaçadas, um *meshwork* (INGOLD, 2011¹¹; 2013, 132), no qual são dobrados vida e morte, antropologia e indígenas, ciência, literatura e arte.

¹⁰ Quem quiser conhecer os homenageados dos anos anteriores é só visitar a página <http://www.californiamuseum.org/inductees>

¹¹ Principalmente na parte II.

Ishi em fotos



Figura 1¹²



Figura 2¹³

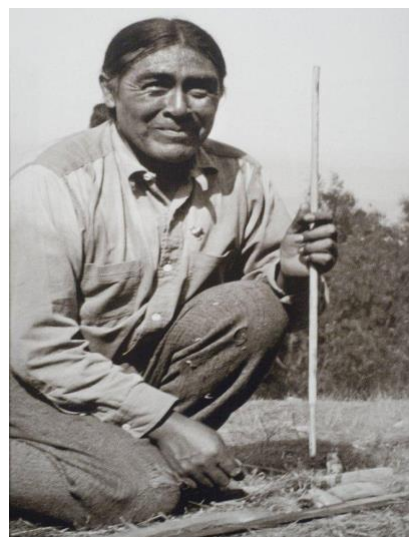


Figura 3¹⁴



Figura 4¹⁵



Figura 5¹⁶

¹² Figura 1: Ishi, quando foi encontrado, <http://www.ishiarchery.com/>

¹³ Figura 2: Ishi archery, <http://www.ishiarchery.com/>

¹⁴ Figura 3: Foto de Ishi na abertura da exposição comemorativa de 100 anos do California Museum <https://www.californiamuseum.org/museum-news/california-museum-opening-exhibit-100th-anniversary-day-ishi-was-found>

¹⁵ Figura 4: <http://www.ishiarchery.com/> Ishi posing with a shelter, by Caffentzis, Joe, in Shapping Sand Francisco Digital Found Archive https://www.foundsf.org/index.php?title=Ishi_%E2%80%94_Yahi_Indian

¹⁶ Figura 5: Ishi e Kroeber, <https://www.ststworld.com/life-of-ishi-the-last-surviving-member-of-the-yahi-tribe/>



Figura 6¹⁷

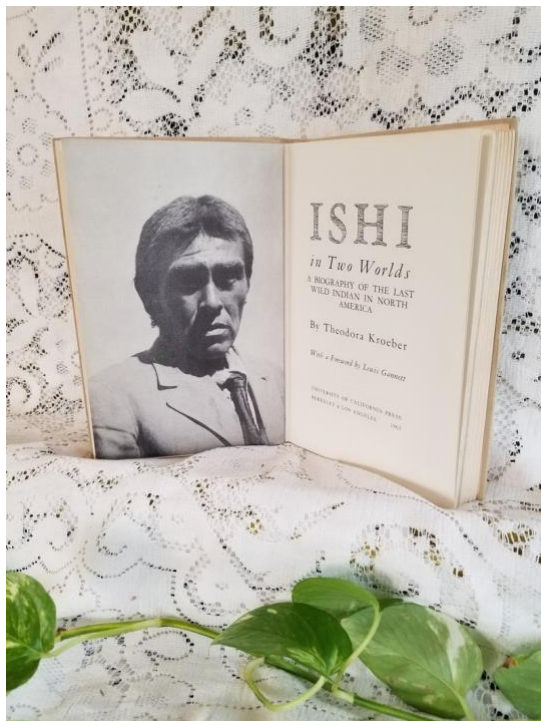


Figura 7¹⁸

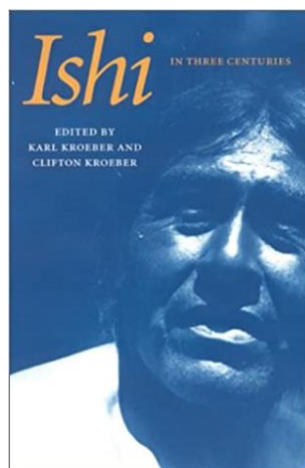


Figura 8¹⁹



Figura 9²⁰

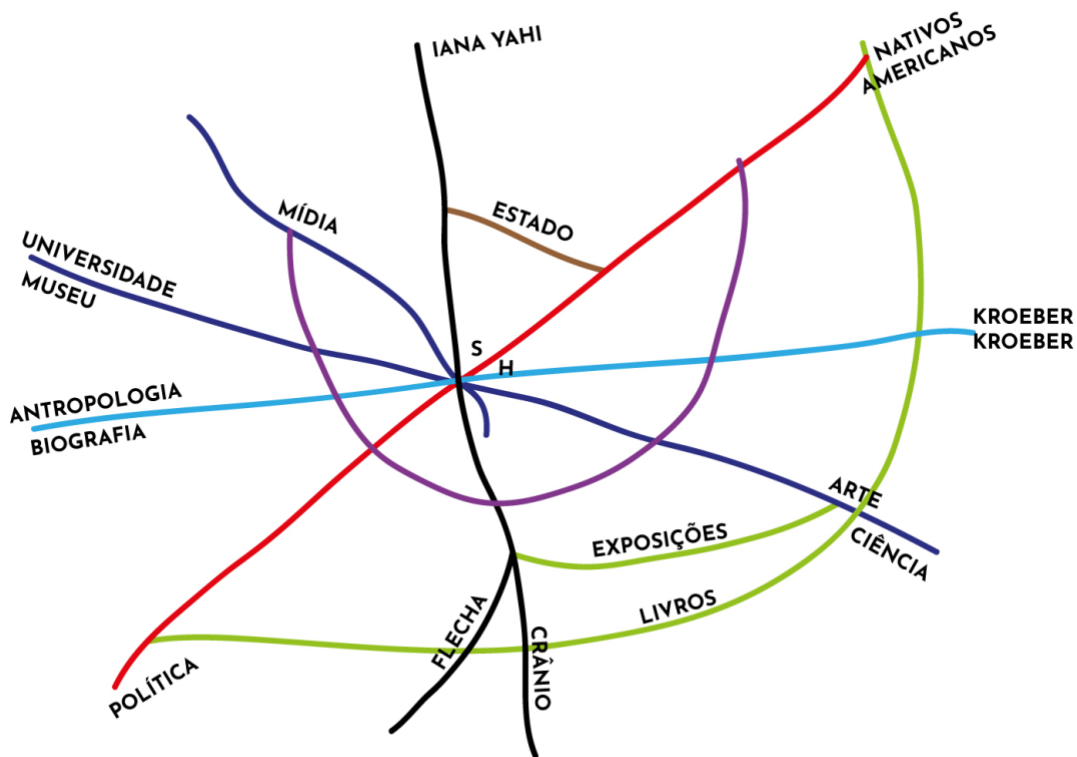
¹⁷ Figura 6: Ishi's grave.

¹⁸ Figura 7: Cópia da capa de biografias de ISHI, escrita por Theodora Kroeber, https://www.etsy.com/listing/969637876/ishi-in-two-worlds-book-by-theodora?show_sold_out_detail=1&ref=nla_listing_detail.

¹⁹ Figura 8: Cópia da capa do livro editado pelos filhos de Teodora e Alfred Kroeber: Kroeber, Karl & Kroeber, Clifton (ed.) Ishi in Three Centuries, 2003, University of Nebraska Press.

²⁰ Figura 9: Cópia do livro de Orien Starn (2005) Ishi's Brain: In Search of Americas Last "Wild" Indian.

MESHWORK



Relações e englobamentos

Eis o porquê do título, grafias de vida e morte. Assim formulada, como relação, preserva-se no que é narrado ou mostrado o que a designação biografia ou história de vida separam. Relação que está aliás preservada nos relatos de vidas que os obituários, mais ou menos brevemente, contém e que, portanto, deste ponto de vista, obviam esta relação. Biografia, o termo, ou a noção, é um englobamento perverso. Pois, como usualmente e inutilmente queremos, oblitera a existência da morte na vida e, paradoxalmente, pode prolongar a vida. Vida e morte em suas grafias agem como *trickster*, trapaceiam-se mutuamente. Como quer Barbara Babcock-Abrahams analisando o *trickster*, isto é um paradoxo.²¹ Constante e variável, mantém e corta temporalidades e eventos.

²¹ “The tale of the trickster, picaro, or rogue is one of the oldest and most persistent cultural patterns of negation and one of the oldest of narrative forms. For centuries he has, in his various incarnations, run, flown, galloped, and most recently motorcycled through the literary imagination and much of the globe”, BABCOCK-ABRAHAMS 1975, 158.

Digamos que há também um componente de engano, de trapaça entre a vida e a morte. Trazer este personagem-conceito (um personagem literário-conceitual) para falar desta relação vida e morte é embaralhar o foco em um ou outro, o monólogo de um ou outro. Não é o que fazem as designações história de vida e biografia?

Como grafias de vida e morte, a relação é explicitada e suas expressões ampliadas, inclusive para conter as suas dobras conforme anunciei no início.

Portanto, há um amplo espectro de designações limitadas, subentendidas no que estou sugerindo como grafias de vida e morte. Como o de histórias de vida, autobiografia, narrativas biográficas, estudos biográficos, escre(vivência), como o quer Conceição Evaristo, ou simplesmente biografia.

Os estudos biográficos possuem hoje um campo próprio e não disciplinar de pesquisa, com muitas experimentações. Escritas e em imagem, longa e mínima, como narrativa e/ou estudo, com o foco em uma vida singular ou coletivas, dos objetos e das coisas, este campo próprio, não disciplinar, entretanto, não monopoliza as biografias. Há muitas pesquisas também em campos disciplinares. Inclusive na antropologia, sobre algumas das quais me deterei.

Antes, é preciso situar minimamente o campo designado como biográfico, sem cair na armadilha de dedicar-se à tarefa de uma genealogia do gênero biográfico. O qual sequer poderia ser associada ao ocidente, tendo em vista o registro de tradições de biografias não ocidentais. Aliás, seria um trabalho de erudição admirável contrapor o estilo de relatos biográficos do *Vidas Paralelas*, de Plutarco, do século I d.C., às longas biografias chinesas que Sima Qian, o historiador chinês, registrou em sua obra *Shiji*, escrita de 109 a.C. a 91 a.C. Quem sabe alguém o fará, se é que já tenha sido feito.

Situar algumas controvérsias é um dos meios mais fecundos para compreender o campo do biográfico. Uma delas, de que se trata de um gênero popular que alimenta renovadamente as estantes de grandes livrarias e os catálogos on-line. Ainda há, ligada à primeira, afirmações sobre o estatuto acadêmico problemático das narrativas biográficas. Isto é, de que teriam um baixo valor científico, tendo em vistas que não cumprem as exigências de generalização e explicação, e porque se confundiria com literatura, principalmente literatura de grande público. Finalmente, para outros,

a escrita biográfica não tem produzido discussões teóricas. As biografias seriam “vidas sem teoria” (ELLIS 2000, 1).

Afirmações como essas são recorrentes e há uma presença significativa de pesquisas biográficas em várias disciplinas como na historiografia e na sociologia, em áreas de pesquisa não disciplinares e em pesquisas politicamente comprometidas, por exemplo estudos feministas e de gênero, e estudos africanos e na diáspora ou movimentos migratórios.

Na historiografia, a biografia tem um estatuto mais consolidado²², é um gênero historiográfico. Jacques Le Goff, em *Saint Louis* (1996), preconiza o que foi designado como uma biografia total, bem sintetizada na resenha publicada por Hilário Franco Júnior (FRANCO 1999). Nesse livro, *Saint Louis*, pratica-se a autêntica biografia, aquela que procura reconstituir de forma articulada a vida do personagem em todos os seus planos. Aquela que tenta resgatar a complexidade do indivíduo em si mesmo, sabendo que para tanto é preciso considerá-lo como produto e produtor de seu tempo. De fato, a verdadeira biografia é o ponto de imbricamento de um estudo mais geral, sobre o contexto histórico, com um outro monográfico, sobre o personagem propriamente dito.

Uma autêntica biografia? Esta ambição não leva em conta as variedades de intenção e a multiplicidade de relações e expressões do fazer biográfico.

Embora seja atribuída à escrita biográfica que ela não produza discussões teóricas, há sim quem as produzam. Aliás, nem tão recentemente assim.²³

Cabe lembrar, aliás, a teorização do sociólogo Bernard Lahire cujos principais pressupostos sociológicos se sustentam na sistematização de uma sociologia à escala individual,

²² Com exemplares admiráveis como Lucien Febvre e o seu *Un destin, Martin Luther* (1928), *O retorno de Martin Guerre* (1984) e *Às Margens* (1997), de Natalie Davis, ou mesmo *O queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg, entre tantos outros.

²³ Na sociologia francesa, um exemplo é a produção de Daniel Bertaux (por exemplo BERTAUX 2016), no seu uso das narrativas de vida, e o artigo de Bourdieu “L’illusion biographique” (BOURDIEU 1986, 69-72), contra. Aliás, o tão citado e tão desastrado artigo de Bourdieu, cujo título é também o título que o editor Bourdieu deu ao número da revista *Actes de la recherche en Sciences Sociales* dedicado ao tema, teria provocado um mal estar no historiador convidado para compor o número da revista, o Michael Pollak, cujo artigo apresentava os primeiros resultados de sua pesquisa experimental sobre o campo de concentração (POLLAK 1986), um trabalho com dezesseis longas entrevistas com sobreviventes de Auschwitz-Birkenau; com a análise de vinte e cinco textos autobiográficos; com o exame dos depoimentos judiciais mantidos em vários arquivos e testemunhos históricos, longas horas de leitura, discussões, reflexões... um trabalho escrito para aparecer em uma edição de uma revista com o título *L’illusion biographique*. Mas, este artigo de Bourdieu, além de tantos elogios, já recebeu as merecidas críticas, inclusive as minhas no meu livro *Trajatória, em narrativa*. Há ainda quem contextualize as razões de Bourdieu para o artigo e o título ao mesmo tempo em que lhe fazem, mesmo depois de muitos anos após a sua publicação, severas críticas.

um “microscópio sociológico” onde se poderia analisar os efeitos das estruturas sociais. Ele escreveu uma considerável biografia de Kafka (LAHIRE 2010).

Na antropologia, na qual agora vou me concentrar, há produção de biografias exemplares no que concerne a experimentações. Poder-se-ia dizer, as biografias antropológicas são exemplares na experimentação etnográfica. Muitos dos argumentos críticos às biografias antropológicas indicam que é a antropologia que está sendo problematizada. Um trecho de Lévi-Strauss no último capítulo do *Pensamento selvagem*, por exemplo, pede uma reflexão. Afirma ele que “a história biográfica e anedótica é a menos explicativa; mas é a mais rica, sob o ponto de vista da informação, já que ela considera os indivíduos na sua particularidade e que detalha, para cada um deles, os matizes do caráter, as sinuosidades de seus motivos, as fases de suas deliberações. O impasse seria que o que se ganha em informação, perde-se em compreensão, ou inversamente, “conforme o nível em que se colocar o historiador”. Poderíamos acrescentar, em que o etnógrafo se coloca”²⁴

Ora, não haveria uma aproximação entre o argumento de Lévi-Strauss sobre os níveis e o que é dito por exemplo, por Strathern em *Partial Connection* (2005) referindo-se à escala em sua fecunda formulação? Para tratar da relação entre parte e todo?

As biografias para a antropologia

Se há uma homologia entre etnografia e biografia, no que se refere a algumas questões desta relação não há equivalência de valor entre ambas. A etnografia porta um valor dominante na narrativa da antropologia sobre si mesma. Eis porque muitas vezes é preciso atribuir um caráter etnográfico à biografia para torná-la reconhecível como antropologia. Ou mesmo formular uma, digamos, palavra valise. Aliás, eu mesma já sugeri essa possibilidade um tanto despretensiosamente em artigo anterior, hoje nem penso que seja uma boa resolução o uso de um conceito como bioetnografia ou etnobiografia. A última, etnobiografia, aliás foi considerada como uma nova formulação teórica²⁵.

Ao resenhar *Baba of Karo*, Mary Douglas ressaltou que o relato de Baba sobre a sociedade Hausa é importante para complementar as informações disponíveis sobre as condições anteriores

²⁴ LÉVI-STRAUSS 2008, p. 289.

²⁵ Como se pode ver na coletânea intitulada *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*, na qual Marco Antônio Gonçalves, Roberto Marques e Vania Cardoso sugerem o uso desse conceito (GONÇALVES 2012).

à ocupação britânica (DOUGLAS 1955). Mas, segundo ela, para os especialistas em etnografia da África Ocidental o interesse pelo relato de Baba estaria mais nas informações sobre a cultura Hausa; por exemplo, as normas de evitação na estrutura de parentesco. Impressionada com o relato de May Smith, o qual lhe parecia mais do que uma biografia, Douglas, entretanto, ressalta a limitação de que generalizações possam ser feitas a partir de um único membro de uma sociedade: “Baba era uma mulher, vivendo a circunscrita vida de muitas mulheres em muitas culturas, particularmente neste caso, por se tratar de uma cultura muçulmana”²⁶. Assim, diz Douglas, as grandes questões, as questões públicas, a tocaram muito indiretamente. O relato de um homem, embora tivesse menos condições de descrever os conflitos domésticos, poderia esclarecer os elementos políticos. Mas, as restrições dos especialistas ao método biográfico, método é o termo dela, não invalidam a biografia, que se justifica pelo público interessado na África Ocidental e nas culturas muçulmanas.²⁷

O biográfico seria para o grande público, parece sugerir Mary Douglas. Ora, o trabalho *Nisa: The Life and Words of a IKung Woman*, da antropóloga Marjorie Shostak (2000), publicado pela primeira vez em 1981, teve cerca de 200.000 cópias vendidas e foi transposto para o teatro. Digamos, de fato, um best-seller, mas é também um texto de referência e por mais de vinte anos tem sido discutido em ambientes acadêmicos, em seminários de antropologia e de estudos de gênero em universidades anglo-saxãs, tendo inclusive sido resenhado na revista *L'Homme*.²⁸

Creio que vai se delineando um certo padrão na avaliação das biografias no campo antropológico, de seu fraco valor para as generalizações e comparações, o que reforçaria o suposto seu caráter mais literário do que científico. Uma avaliação que revela menos o que biografias podem ser do que os controversos supostos do que a antropologia deve ser.

Um aspecto importante na análise das biografias em antropologia, e que me parece não muito levado em conta importante, é o de como é contado o que se conta. Mérito do trabalho de Desjarlais ao qual vou me referir logo em seguida. Por exemplo, lembremos, a biografia de Baba²⁹ não começa pelo seu nascimento, mas com a frase “eu vou primeiro falar dos meus ancestrais”. Começa pelo avô do “nosso bisavô” e termina com um parágrafo dizendo que ela será parteira muitas vezes

²⁶ DOUGLAS 1955, 196.

²⁷ O estudo de Barbara D. Metcalf, no capítulo V.

²⁸ OLIVIER 2002.

²⁹ SMITH 1954.

naquele ano, o que ela só fazia para os parentes. A vida de Baba no início e no final fala da continuidade dos parentes, e de como ela situa entre eles a sua própria atuação. Talvez até porque, no que se refere a Baba, se trata de uma inserção problemática.

Ora, além das informações sobre o cotidiano Hausa, sobre os Hausa, é importante levar em conta a experiência que Baba, narrativamente, constitui para si mesma como uma Hausa. Ao narrar a si mesma, Baba fala de uma maneira de existir como Hausa, e de um ponto de vista.³⁰

Na biografia de Nisa, ela começa com um relato detalhado de como ela, sozinha, viveu o parto de sua filha. Sobre os seus medos, o que indica um vínculo com a antropóloga feminista Shostak e seu suposto de uma condição comum entre as mulheres.

Das biografias clássicas, mesmo sabendo que podem se tornar cansativas tantas referências, quero me reter ainda em uma autobiografia, a de *Sun Chief: autobiografia de Don Talayesva*

³⁰ Quando evoco uma das histórias de vida ouvida na minha primeira pesquisa antropológica e que pensava ser apenas momento necessário para aprofundar a confiança mútua em uma pesquisa, Irene oferece também um bom exemplo do que estou sugerindo como análise. Quando cheguei para a minha primeira conversa com a Irene, ela estava costurando e costurando continuou durante o nosso encontro naquela tarde. Aliás, foi quase sempre diante da máquina de costura, com as suas mãos segurando e empurrando um tecido que deslizava sob a agulha, um dos pés sobre o pequeno motor ao lado da máquina e o outro descansando sob a sua base, que Irene conversava comigo. Só muito tempo depois é que percebi que o relato de Irene me oferecera muito mais do que uma técnica de entrada no campo de pesquisa. Irene começou assim--... *Minha avó era da Bahia e meu avô era carioca, é do Rio. Eles eram negros, acho que é por isso que eu tenho essa... Que eu gosto muito de cozinha, sai muito à minha avó porque ela era baiana e era mesmo de forno e fogão, fina mesmo, para tudo.*

Então... Eles foram vendidos, eles eram escravos, os meus avós foram vendidos e se encontraram aqui, numa fazenda perto de Souza....

Depois que eles foram libertados, que teve a lei Áurea, eles foram libertado e continuaram mesmo na fazenda. O meu pai, só meu pai, ainda porque meu pai foi criado com, com uma família branca, uma senhora italiana que, que tinha um nenê também naquela época, então dava de mamar para ele, e acho que foi esse o gosto dele por italiano que acabo casando-se com italiana, né?

Irene começa a contar a sua história com a história dos seus avós. Depois deste início étnico-histórico desde os avós negros e o pai aproximando-se aos brancos, italianos, um tema tornou-se central no relato de Irene, as sucessivas perdas financeiras e o declínio social da família conjugal. Desta perspectiva que ela vai desenhando as suas relações, situando as pessoas, avaliando quem *estaria bem de vida* (com emprego, porque construiu ou comprou casa, educou os filhos) e *quem não estaria*. Elaborou conexões sociais, ofereceu um mapa da cidade de Campinas por onde se deslocou, as opções de trabalho que encontrou, o processo pelo qual muitas das casas da Cohab foram conseguidas, descreveu socialmente, racialmente, a vila. Tendo em vista a incompletude (ou, para ela, o fracasso) de seu projeto familiar, Irene marca a sua experiência em antes e depois do seu casamento. Na primeira, os seus sucessos pessoais – na escola, nas primeiras atividades--, na segunda, depois do casamento, a sucessão de ganhos e perdas até o desfecho que seria a decadência com a perda da casa e do negócio próprio para ser a esposa costureira de um assalariado precário, uma moradora de uma casa popular financiada. Aos poucos, o contar foi se tornando também um estudo, para usar a formulação de Nelson Goodman. A negritude, a da avó, que no início parecia positivada, é associada à promessa não cumprida da mobilidade social pretendida por ela. Se ela começara a contar a sua vida pela ascendência na avó negra, terminava, implicitamente, reafirmando a sua ascendência moral e social na mãe branca. Começou contando uma história, terminou com um retrato fabulado de si mesma. Victor Turner tem razão, narrativamente Irene, como Baba, estruturou a sua experiência. Eu acrescentaria que também afirmou uma existência singular naquela vila popular em que então vivia.

(1890–1985)³¹. Talayesva tornou-se conhecido como o sujeito antropológico mais intensivamente documentado no mundo. Esta riqueza de documentação inclui oito mil páginas do diário que Talayesva escreveu a pedido de Simmons; trezentos e quarenta sonhos escritos nos cadernos que a pesquisadora de sonhos³² enviou a Don; entrevistas com o etnógrafo Mischa Titiev, que pesquisou os Hopi; teste de Rorschach, com a psicóloga³³. Posteriormente, de 1950 se estendendo pelos anos 70 do século XX, Talayesva continuou dando entrevistas ocasionais a antropólogos.³⁴ A pesquisa que culminou na autobiografia surgiu a partir de junho de 1938, quando Leo Simmons aproximou-se de Talayesa por sugestão de um colega antropólogo. Após duas semanas de convivência, Talayesa aceitou o convite para se tornar informante, alugou um quarto em sua casa para Leo e aceitou receber trinta centavos por hora quando lhe desse entrevista formal. Na última semana de julho tornaram-se irmãos rituais e Simmons tornou-se membro do Sun Clã.

Don foi treinado para relatar minuciosamente os detalhes de cada dia, inclusive as suas reações emocionais e intelectuais com tais acontecimentos. Também foi treinado a escrever um diário, pelo qual receberia sete centavos por página. Em janeiro de 1940 Don gravou trezentos e cinquenta horas de entrevista e escreveu três mil páginas à mão. Em março de 1941 o diário já estava com oito mil páginas. A autobiografia publicada é uma condensação deste material.³⁵

Lévi-Strauss³⁶ (1959) prefaciou a edição francesa da autobiografia de Don Talayesva, sobre a qual afirmou que se tratava de uma joia da literatura etnográfica e uma autobiografia exemplar. Importante notar que ele não diz que “apesar de ser uma autobiografia” é uma joia da literatura etnográfica.

No prefácio diz ainda LS:

A narrativa que ela nos oferece é suficiente em si mesma pelo seu valor psicológico e romântico. Para o etnólogo, ele traz uma riqueza de informações mesmo que sobre uma sociedade conhecida. Acima de tudo, porém, a história de

³¹ SIMMONS 1942.

³² Dorothy Eggan

³³ Bert Kaplan

³⁴ Como, por exemplo, Leslie White, Fred Eggan (também marido de Dorothy), Edward Kennard, Volney Jones, Harold Courlander.

³⁵ O acervo completo está na Yale University, em New Haven, US.

³⁶ *Soleil Hopi*, coleção Terre Humaine, Paris: Plon, 1959. Aliás, a mesma coleção, Terre Humaine, em que seria também publicada em francês a autobiografia de Baba de Karo. Não por coincidência, *Tristes Trópicos* e *As lanças do Crepúsculo*, são consideradas as obras mais literárias dos dois antropólogos, Claude Lévi-Strauss e Philippe Descola.

Talayasva consegue desde o início, com incomparável fluência e graça, aquilo que o etnólogo sonhou obter ao longo da vida e que nunca conseguiu realizar por completo: a restauração de uma cultura 'por dentro', como vivenciada pela criança, depois pelo adulto. Um pouco como se, arqueólogos da atualidade, estivéssemos exumando as pérolas desmembradas de um colar; e de repente as vemos atadas de acordo com seu arranjo original e dispostas ao redor do jovem pescoço ao qual foram originalmente destinadas a adornar. (LÉVI-STRAUSS, 1959).

Em *Solei Hopi* há detalhes sobre a infância de Talayasva com as outras crianças e destas com os adultos, sobre como se fazia a atribuição de nomes, sobre como a infância era vivida, enfim, a vida cotidiana de Talayasva e dos Hopi, os mitos Hopi, os sonhos de Talayasva, o parentesco e o parentesco ritual, entre outros.

André Breton tinha razão, a vida cotidiana de Don Talayasva, a vida Hopi cotidiana e ritual, a presença dos espíritos no dia a dia torna a autobiografia inseparável do mito, e Lévi-Strauss tinha razão, é uma autobiografia e é uma etnografia.

Matthew Sakiestewa Gilbert, um indígena Hopi que se tornou professor e chefe do Departamento de Estudos dos Índios Americanos na Universidade de Arizona, lera fascinado a autobiografia de Talayasva quando estudante na Universidade da Califórnia. O livro pertencia a seu pai. Em 1906, Talayasva e o avô de Mathews, Victor Sakiestewa, deixaram a aldeia e foram para o sul da Califórnia. Juntos, eles participaram do Sherman Institute, uma escola criada pelo governo dos EUA para nativos americanos. Os dois tiveram a mesma instrução, participaram juntos dos cultos protestantes e retornaram juntos para a aldeia Hopi, mas seguiram caminhos distintos. Ambos retornaram, mas só Talayasva continuou na aldeia.

Mathew conta como ele contemplava várias vezes a imagem do rosto de Talayasva na capa do livro. Aliás, vale a pena notar que este é um padrão editorial ainda seguido. É a foto de Nisa na capa do livro *Nisa*, também a de *Baba de Karo*, e a de Esperanza. No livro de Ruth Behar (2014) há uma imagem de Esperanza na capa e de Ruth e Esperanza, em formato menor, na contracapa, no título *Crossing the Border with Esperanza's Story* e em grandes letras o nome da autora, Ruth Behar.³⁷ As edições de *Sun Chief. Uma autobiografia*, não reconheciam Talayasva como o autor e o nome de Leo Simmons era o único mostrado na lombada do livro.

Ao contrário da autobiografia de Don Talayasva, muitas narrativas biográficas, inclusive

³⁷ Ruth Behar 2014. Outra biografia antropológica que é um experimento etnográfico considerável.

as mais recentes, resultam de uma pesquisa antropológica que não tinha intenção biográfica inicialmente. *Tuhami* é um exemplo, Mãe Hilsa Mukalê poderia ser outro. De *Do lado do tempo* se pode dizer tanto que se trata da biografia de Mãe Hilsa ou do terreiro de Matamba Tombenci Neto, ou que são apenas estórias contadas por Mãe Hilsa ao Márcio Goldman. Esta última frase está escrita na capa onde está também o retrato de Mãe Hilsa.

Referi-me brevemente às narrativas biográficas em distintos campos de conhecimento, disciplinares. Que indicam aliás a performatividade do fazer biográfico. De uma perspectiva não disciplinar, muitas são as instituições, por exemplo o Instituto de Biografia na Universidade de Groningen, que abrigam programas de cursos sobre biografia. Há associações e congressos sobre este tema, por exemplo a vasta Associação Internacional de Auto/Biografia (Internacional Autobiography Association (IABA), que promove conferências bienais internacionais, publicações e projetos colaborativos.

Pode-se dizer que nas duas últimas décadas houve uma renovação da discussão com multiplicação de pesquisas e experimentações com grafias. Por exemplo, Stuart Blackburn, historiador e tamílofono, responsável pelos estudos asiáticos na School of Oriental and African Studies de Londres, deu início a um programa de pesquisa sobre “histórias de vida” que associou ao projeto a London School of Economics, as universidades de Oxford e Cambridge, envolvendo acadêmicos britânicos, americanos, franceses, estudiosos da história, literatura e antropologia da Índia. O *Telling Lives in India* reuniu especialistas do subcontinente indiano para este trabalho conjunto. Um dos supostos do projeto é o de não associar a biografia e autobiografia ao Eu, e de não as suporem como ocidental e moderna incompatível com socialidades baseadas em casta ou comunidades morais. Este é um efeito de uma explícita recusa e considerar a correspondência entre biografia e individualismo e do suposto de que a especificidade e o patrimônio histórico do Ocidente seria a "modernidade", uma modernidade à qual seria próprio o indivíduo, racional, capaz de reflexividade e agente de suas ações, um “eu” com atributos que lhe confeririam dignidade biográfica. E de que seria disto de que trataria o fazer biográfico.

A atenção às biografias no oriente, com relatos inclusive em desenhos e pinturas (por exemplo, em murais artísticos em templos budistas) problematiza os supostos das biografias como falando de indivíduos ao relatar as distintas vidas de uma pessoa tendo em vista o suposto da reencarnação. Ou seja, nas grafias de vida e morte incorpora-se também a cosmologia.

Estes tentáculos da pesquisa com grafias de vida não apenas no ocidente e não apenas entre os “modernos” estão enriquecendo o campo e contestando convenções, revelando muito que era ocultado. São convenções e modos de expressão que tornam relativas à “modernidade”, os modos expressão biográficas, revelando um imenso repertório de modos de existir e de se expressar. No *Telling Lives* há, como exemplos, a história de vida de Maulana Muhammad Zakariyya (1897-1982), herdeiro de uma família de eruditos muçulmanos e homens santos que publicou no Paquistão sete volumes de mais de duas mil páginas, e também a história de vida contada por uma mulher da casta dos intocáveis, o que é uma raridade.

Embora operando com os supostos teóricos controversos de indivíduo e cultura, o trabalho de Robert Desjarlais (2003) a que me referi anteriormente, tem o mérito de revelar como a vida é contada e de explicitar a relação da vida e da morte compondo a biografia. É do ponto de vista do sensível, do sensorial, como percepção e como expressão, que Desjarlais assenta o suposto da variação individual. Ou seja, as diferenças sensoriais produzem individualizações, o termo é dele. Os Yolmo wa, ou “povo Yolmo”, um povo budista etnicamente tibetano, vivem há gerações em aldeias e vilas ao longo das cordilheiras superiores do Yolmo, vale do centro-nortedo Nepal. A pesquisa de Desjarlais tinha como objetivo registrar e refletir sobre as histórias de vida de vários anciãos Yolmo. Com um deles, Mheme Lhama, as conversas se prolongaram e o afeto se estreitou, Desjarlais resolveu registrar a sua história de vida em 1998.

Além de Meheme Lhama, Desjarlais manteve uma longa conversação com outra anciã Kisang Omu. Quando comparou as narrativas dos dois anciãos³⁸²⁹, Desjarlais percebeu que enquanto Mheme contava sua vida com motivos predominante visuais e corporais, os relatos de Kisang sobre a sua vida envolviam em grande parte um teatro de vozes: ao narrar eventos significativos em sua vida, ela frequentemente invocava as vozes de atores-chave (o termo é dele) nesses eventos. Ela mesma, aliás, comentara frequentemente sobre a habilidade de sua própria fala e preocupava-se sobre como as outras pessoas iriam avaliar o valor estético dessa fala. Um, principalmente, via, enquanto a outra, se importava mais com o fluxo das palavras.

Desjarlais descreve e discute este par de “biografias sensoriais” sobrepostas considerando as maneiras pelas quais as modalidades e disposições sensoriais atuam na vida individual e como

³⁸ Na capa do livro só vemos o rosto de Mheme Lhama.

os membros de uma única sociedade vivem diferentes biografias sensoriais. A formação como Lhama deu a Mheme o desenvolvimento da visão, observação, concentração.

Ao observar cuidadosamente como uma ou duas pessoas em um ambiente social específico vivem e dão sentido às suas vidas, para Desjarlais a antropologia alcançaria compreensões mais precisas do que significa ser uma pessoa, viver uma vida, relacionar-se com os outros, agenciar individualidade, a corporalidade, o sofrimento, a memória, visão e linguagem. Enfim, os modos como adquirem forma os Yolmo em várias vidas Yolmo. Se poderia aprender melhor o que se considera como geral relevando as dobras das particularidades. Bom, haveria muito mais a lhes contar sobre os Yolmo, o livro de Desjarlais e os detalhes preciosos de como Meheme Lhama e Kisang Omu narraram o que viveram, e os supostos da vida e da morte entre os Yolmo. Mas é preciso encerrar, mesmo porque, afinal, o que pretendi foi contar sobre Ishi e referir-me ao *meshwork* com as grafias disponíveis, para não ocultar a vida trapaceando a morte. Ou seria o inverso?

*Uma palavra morre
Quando é dita
Dir-se-ia
Pois eu digo que ela nasce
Nesse dia³⁹*

Referências

- BABCOCK-ABRAHAMS, B. “‘A Tolerated Margin of Mess’: The Trickster and His Tales Reconsidered”, *Journal of the Folklore Institute*, Vol. 11- 3, 1975, pp. 147-186.
BEHAR, R.: *Translated Woman: Crossing the Border with Esperanza's Story*, Boston, Massachusetts, Beacon Press, 2014.
BERTAUX, B. *Le récit de vie*, Paris, Armand Collin, 2016

³⁹ Dickinson, Emily. Na tradução de Aíla de Oliveira Gomes. “A word is dead / When it is said, / Some say. / I say it just / Begins to live / That day. <https://escamandro.wordpress.com/2018/02/22/23-traducoes-para-um-poema-de-emily-dickinson-1830-1886-por-matheus-mavericco/>. Existem 23 traduções para este mesmo poema.

- BOURDIEU, P. “L’illusion biographique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, Année 1986 62-63, pp. 69-72,
- CECHINEL, A. “A acidentalidade do ser: alguns fantasmas de Henry James, do qual cito um trecho: “O primeiro dos textos em pauta, “The real right thing”, *Revista Letras&Letras*, v. 28-2 pp, 753-767 jul/dez, Uberlândia-MG, 2012.
- CLIFFORD, J: *Returns. Becoming Indigenous in the Twenty-First Century*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 2013.
- DELEUZE, G. *A Dobra. Leibniz e o Barroco*, Campinas: Papyrus [1988] 1991.
- DESJARLAIS, Robert: *Sensory Biographies. Lives and Deaths among Nepal’s Yolmo Buddhists*, Berkeley: University of California, 2003.
- DOUGLAS, M. (1955).”Baba of Karo: A Woman of the Muslim Hausa. By M. F. Smith. London”: Faber. 1954. 25s. *Africa*, 25(2), 195-197, 1955
- ELLIS, D., *Literary Lives: Biography and the Search for Understanding*. Edinburgh University, 2000.
- FRANCO JUNIOR, H. “‘São Luís’, de Jacques Le Goff, refaz a vida do rei e santo que sintetizou a Idade Média. A história toda”. *Caderno Mais, Folha de São Paulo*, São Paulo, domingo, 2 de maio de 1999.
- GONÇALVES, Marco Antônio (org.): *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- INGOLD, T.: *Being Alive. Essays on movement, knowledge and descriptions*, Routledge, 2011.
- INGOLD, T. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*, Routledge, 2013.
- JAMES, H. “The real right thing”, IN *Até o Último Fantasma*, São Paulo: Companhia das Letras [1893] 2020..
- KOFES, Suely. *Trajetória, em narrativa*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- KROEBER, T.: *Ishi in Two Worlds: A Biography of the Last Wild Indian in North America*, Berkeley: Books, 1961.
- KROEBER, K. and KROEBER, C.: *Ishi. In three Centuries*, Lincoln and London: University of Nebraska, 2003.
- LAHIRE, B.: *Franz Kafka: Eléments pour une théorie de la création littéraire*, La Découverte, Paris, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, C.: *Tristes Tropiques*, Paris: Plon, [1955] 1984. *Tristes Trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C.: “Préface”. In TALAYESVA, D. C. *Soleil Hopi*. Paris: Plon, 1959.
- LÉVI-STRAUSS, C.: *O Pensamento Selvagem*, P.289, 8ª edição, Papyrus Editora, Campinas, 2008.
- MARTY, E. “Les règles de l’art selon Bourdieu”: *Esprit*, n. 202-6, 1994, pp. 166-170.
- OLIVIER, E. “Marjorie Shostak, Nisa. The Life and Words of a! Kung Woman”. *L’Homme. Revue Française d’Anthropologie*, 164, 2002, pp. 159-161.
- POLLAK, M. “La gestion de l’indicible”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 62-63, 1986, pp. 30-53
- SERRES, M. *Entretiens avec Martin Legros et Sven Ortolí. Pantopie ou le monde de Michel Serres. De Hermès à Petite Poucette*. Paris: Poche-Le Pommier, 2016
- SHOSTAK, M. *Nisa: The Life and Words of a !Kung Woman*, Harvard University, 2000.
- SIMMONS, L.: *Don Talayesva. Sun Chief: The Autobiography of a Hopi Indian*, New Haven, Yale University, 1942

SMITH, M. F. *Baba of Karo. A Woman of the Muslim Hausa*, Faber, 1954.

STRATHERN, M: *Partial Connections*, AltaMira Press, 2005.

TOLLIVER, Willie. *A self among others: Henry James as a biographer*. New York: Taylor & Francis Group, 2000.